



A Comunicação Política como ferramenta da luta pelo movimento indígena zapatista¹

Alexander Maximilian Hilsenbeck Filho²

Faculdade Cásper Líbero

Resumo: O Exército Zapatista de Libertação Nacional, fruto de um duplo anacronismo, formado por indígenas que apregoam a construção de um novo mundo (em que caibam muitos mundos) não tardou a surpreender o México e o planeta com uma avançada proposta política de autonomia, tendo a comunicação e a relação com a sociedade como elementos centrais neste conflito. A presente, e incipiente, pesquisa pretende aprofundar a análise das contribuições, potencialidades e limites da multifacetada experiência zapatista no âmbito da comunicação política com vistas à transformação social, e como o sistema político mexicano busca incorporar, recuperar e neutralizar tais experiências. Outro objetivo será o de verificar em que medida a *práxis* comunicativa zapatista é capaz de ampliar a esfera pública democrática.

Palavras-chave: Movimento Zapatista; Comunicação Política; Democracia; Cidadania; Transformação Social.

Como nuestra guerra es una guerra de medios de comunicación, hay que ganar la batalla en los medios. Tenemos que mostrarnos pero al mismo tiempo tenemos que ocultarnos. Está la paradoja de que nosotros, para mostrarnos, nos escondemos en un pasamontañas, y para escondernos nos quitamos el pasamontañas.
(Subcomandante Insurgente Marcos)

UMA EFICAZ LUTA COMUNICATIVA

A época contemporânea pode ser definida como uma tentativa de reprodução do presente contínuo, em que não vislumbram-se pontos de fuga, e na qual a Indústria Cultural e a Sociedade do Espetáculo parecem ter atingido patamares cada vez mais

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 11 – COMUNICAÇÃO, CONSUMO E CIDADANIA: POLÍTICAS DE RECONHECIMENTO, REDES E MOVIMENTOS SOCIAIS, do 6º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016.

² Mestre em Ciências Sociais (Unesp); Doutor em Ciência Política (Unicamp); Prof.º de Ciência Política na Faculdade Cásper Líbero; Pesquisador do Centro Integrado de Pesquisa (CIP) da Cásper Líbero, e do Grupo de Trabalho ACySE do CLACSO.



gerais e totalitários na vida social. Esta eterna repetição do presente tende a produção de uma dimensão puramente de constatação e reprodução da ideologia dominante (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), em que o atual sistema é apresentado como a única realidade possível, como um *presente perpétuo* (DEBORD, 1997). Nesta perspectiva, nos início dos anos 1990 ganhou relevo análises políticas que definiam o momento como de “fim da história” (FUKUYAMA, 1999; CASTAÑEDA, 1994).

Contrariando estes prognósticos e análises políticas, no sudeste mexicano veio à público, no primeiro dia de 1994, um exército formado por indígenas empunhando armas rudimentares e um discurso de libertação que mais parecia oriundo das guerrilhas latino-americanas dos anos 1960 e 1970. O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), fruto deste duplo anacronismo, contudo, não tardou a surpreender o México e o mundo com uma avançada proposta política de autonomia, tendo a comunicação e a relação com a sociedade como elementos centrais neste batalha. O zapatismo foi responsável pelas primeiras formas de conflito midiático que valeram-se amplamente do uso da internet, bem como refundou o discurso e as práticas de setores populares, de esquerda e indígenas, incorporando novas temáticas, ampliando os elementos culturais e simbólicos, legitimando novos horizontes.

Ao colocar a proposta de novas formas de relações e sociabilidades emergentes antissistêmicas³, ao mesmo tempo em que situa as práticas tecnológicas e comunicativas e os meios de comunicação como elementos centrais deste processo, o zapatismo exerceu ao redor do globo forte influência no âmbito da comunicação alternativa e democrática, bem como nos movimentos autônomos e protestos observados no final do século XX e princípios do XXI, como o ativismo em rede. No entanto, se a utilização da internet foi a parte mais visível e estudada do EZLN (FIGUEIREDO, 2003; ORTIZ, 2007), outras dimensões e inovações zapatistas neste

³Formas antissistêmicas e sociabilidades contra-hegemônicas nos movimentos sociais e processos políticos latino-americanos constituem-se como dois eixos da agenda de pesquisa do Grupo de Trabalho do Conselho Latino Americano de Ciências Sociais Anticapitalismos e Sociabilidades Emergentes, do qual fazemos parte e no qual pretendemos inserir o presente projeto de pesquisa. Para aprofundamento no tema recomendamos a leitura dos livros coletivos: (BRANCALEONE; CHAGUACEDA, 2012) e (CAMARA et. al., 2015).



conflito comunicativo (e material) merecem, também, a devida atenção. A presente (e incipiente) pesquisa pretende aprofundar a análise das contribuições, potencialidades e limites da multifacetada experiência zapatista no âmbito da comunicação política com vistas à transformação social.

Tal contribuição, para além do uso político e militante da Internet e rede de dados, abarca amplo leque da comunicação social, como no campo das Artes; Fotografia; Rádio; Cinema; Literatura; Música; Muralismo entre outras. Na batalha com o governo pela hegemonia nacional e legitimação de sua causa, os zapatistas apostaram nos meios de comunicação, e na sua diversidade de formas de linguagem, como um *front* decisivo. Exploreemos sucintamente alguns destes exemplos.

Arte: no âmbito da arte, em diversas variantes, o movimento zapatista constitui-se como campo bastante fértil. Desde a arte popular e o artesanato (como os bonecos de pano zapatistas, artesanato indígena, bordados e pinturas populares)⁴, passando pela arte de vanguarda e, mesmo, comercial (gerando um mercado de consumo em torno da imagem e da palavra zapatista e até um tipo de “turismo revolucionário”). Essa influência sobre a arte, sobretudo ativista, deu-se em centros sociais e artísticos alternativos, dentro e fora do México, como as pinturas da chilena Beatriz Aurora (caracterizada por obras pictóricas naïf) em murais, cartões postais, quadros e cartazes; as intervenções de Banksy que deixou, pelo menos, três murais em território zapatista; as obras de Frank Shepard Fairey, Obey, que igualmente vale-se das imagens dos insurgentes; ou da indígena guatemalteca Domitila Domínguez e, também, de seu companheiro e discípulo de Diego Rivera, Antonio Ramírez.

Fotografia: para alguns analistas o zapatismo representou um ponto de ruptura na representação fotográfica do indígena mexicano. Conforme Corkovic (2012), ocorreram três momentos decisivos de revalorização desta população: a Revolução Mexicana; os anos 1970, com a criação do Arquivo Etnográfico do Instituto Nacional Indígena; e nos anos 1990 com o zapatismo e o “indígena

⁴ As diversas citações de obras artísticas e comunicativas – por questão de economia de espaço no artigo escrito – serão projetadas durante a apresentação da comunicação.



“mascarado”, sublinhando especialmente a expressão do olhar. Paradoxalmente, ao transformar o ato de esconder o rosto numa estratégia política, os zapatistas transformaram a imagem do indígena num instrumento de luta, capaz de circular seus ideais. Assim, os fotógrafos foram de extrema importância para a criação de um novo imaginário visual zapatista, colocando sua imagem como novo ícone mexicano e dos movimentos de resistência mundo afora. As imagens captadas pelas lentes fotográficas foram reproduzidas nos mais distintos suportes, como camisetas, cartazes, grafites, estêncil, discos, jornais etc. Como exemplo emblemático dessa relação, a premiada foto de Pedro Valtierra das mulheres zapatistas de X'oyep, de janeiro de 1998, poucos dias após o massacre da comunidade de Acteal, foi capaz de condensar um momento histórico, de transformar-se num potente discurso simbólico do conflito vivenciado no México. O Subcomandante Marcos (1998), um dia após a publicação da foto, utilizou-a para confrontar as declarações oficiais do governo:

Ahí están las fotos. El gobierno dice que no hay persecución de zapatistas, pero ahí están las fotos. El escenario es el mismo siempre, una comunidad indígena zapatista. Ahí están sus habitantes. Vea a los soldados del gobierno forcejear con mujeres y niños. Véalos apuntar con sus cañones. No hay persecución de zapatistas, dice el gobierno. ¿Vio a los soldados federales tan fuertemente armados? ¿Vio a las mujeres y niños zapatistas armados con palos y rebozos? Esas fotos, ¿son “rumores irresponsables”? ¿Mienten las fotos? ¿Están retocadas? (...) Esas fotos, ¿mienten al retratar esas miradas de las mujeres zapatistas? ¿Ve usted servilismo o humildad en esas miradas? Alguien miente. O las fotos o el gobierno mienten. Porque nosotros sólo vemos en esas imágenes a un pueblo agredido sí, pero digno y rebelde. Vemos un pueblo que no dejará que en su sangre se repita la ignominia de Acteal.

Muralismo: os murais são uma tradição da sociedade mexicana, e abundam nas áreas de influência zapatista, sobretudo nos centros políticos e administrativos, como os Caracóis e as Juntas de Bom Governo, ou nos espaços comunitários, educativos e médicos. Produzidos seja por artistas urbanos que buscam plasmar graficamente sua solidariedade, ou por membros das próprias comunidades zapatistas, caracterizam-se pela inter-relação do imaginário pré-colombiano, símbolos nacionais (Zapata, bandeira nacional, Virgem de Guadalupe) e da luta zapatista global, marcando o território autônomo em rebeldia e recriando elementos de identidade.



Se trata de un arte activista, definido como un “nuevo arte público”; un arte dotado de compromiso político con una supuesta recepción participativa y cuyas características básicas son: primero, es procesual, está orientado al proceso de realización y recepción; segundo, se localiza en emplazamientos públicos; tercero, es una intervención temporal. Cuarto, utiliza las técnicas de los medios de comunicación. Quinto, practica métodos colaborativos en su ejecución, se vuelve comunitario. Un arte público que “manda obedeciendo”. (BASTIDA, 2015).

Os murais zapatistas desenvolvem, deste modo, funções educativas, participativas, identitárias, de propaganda e comunicativas, introduzindo e reforçando valores, reconstruindo tradições.

Música: o levante também motivou um movimento geral de valorização das culturas indígenas, contribuindo para a aparição de grupos musicais que fizeram composições em suas próprias línguas. Além disso, serviram de inspiração para diversos músicos, de variados estilos, ao redor do mundo e, também, impulsionaram a criação de grupos nas próprias comunidades. O amplo movimento musical em apoio ao zapatismo envolve centenas de músicos e grupos no México e no mundo (a título de exemplo, Manu Chao, Rage Against the Machine, Mundo Livre S.A.), demonstrando o amplo fenômeno de ressonância musical no terreno dos movimentos sociais e, também, um novo tipo de ativismo e identidade na cultura popular.

Literatura: o Exército Zapatista recorreu ao manejo intensivo e criativo da literatura como elemento político de urgência e resistência, como forma de romper as barreiras de uma censura que se faz invisível. Em seus escritos, percebe-se a transposição do cotidiano, das vivências, dos ideais e objetivos que os movem para um formato comunicativo literário, auxiliando na compreensão de táticas e estratégias de luta. A qualidade e a beleza das análises políticas zapatistas pode ser vista desde seus primórdios, como em *Chiapas: o sudeste entre dois ventos, uma tempestade e uma profecia*, escrito dois anos antes da insurreição e publicada em janeiro de 1994, bem como em *Do que vão nos perdoar?*, publicado na mesma época. Baseados em Antonio Candido (2007, p. 28),

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade,



em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

Podemos denominar a literatura zapatista como um grande leque de manifestos, contos, poemas, cartas, pós-escritos e análises políticas em que se cruzam lendas, fatos históricos e cotidianos, personagens e pensamentos.

Tal compulsão epistolar, e sua dupla característica, política e literária, fez com que os escritos (notadamente de Marcos) possuíssem impacto relevante no mundo literário, sendo responsável por estreitos contatos e trocas constantes de cartas com Eduardo Galeano, Mário Benedetti, José Saramago, Manuel Vázquez Montalbán, também alimentando alguns críticos comedidos como Octávio Paz, e mesmo abertos opositores como Mario Vargas Llosa. Além dos escritos de Marcos, definido por Mérida (2001) como o “Maestro de la paradoja, [pois] el Sub antepone al mundo real un mundo imaginario y fantástico del cual él mismo forma parte (...) Y junto a ellos millones de cronopios que navegan en una barca de papel sobre las aguas de la historia”, os zapatistas também foram convertidos em tema literário, inspirando escritores, poetas e desenhistas, ou mesmo realizando obras literárias coletivas.

Meios de Comunicação Autônomos (rádio, revista e página de internet): num primeiro momento, a difusão zapatista esteve à cargo dos meios comerciais de comunicação e dos setores simpatizantes ao movimento. Seus comunicados eram reproduzidos integralmente por jornais como *La Jornada* (que nos primeiros dias do conflito em Chiapas triplicou sua tiragem) e rapidamente traduzidos e distribuídos de modo global por listas de correios eletrônicos e subidos à páginas na internet. Mesmo assim, o zapatismo sempre pontuou a necessidade de meios próprios de comunicação. Desde a ocupação de uma rádio na cidade de Ocosingo, na primeiras horas do levante em 1994, os insurgentes avançaram com o tema da democratização dos meios de comunicação e da necessidade dos povos indígenas deterem seus próprios meios comunicacionais. Neste processo foram construídas várias rádios livres e comunitárias indígenas, inclusive a oficial zapatista *Radio Insurgente, la voz de los sin voz*, que



difunde as ideias e conteúdos de sua luta em diversas línguas indígenas além do castelhano, bem como mantém uma programação musical e informes das áreas de saúde e educação do movimento. A *Radio Insurgente* opera como emissora FM, em ondas curtas, na internet e, também, tem suas produções distribuídas em *cds*.

Outro elemento desta construção autônoma da comunicação foi a *Revista Rebeldia*, com ampla cobertura dos atos, material fotográfico e audiovisual do movimento, além de análises de especialistas de distintas áreas sobre as experiências e propostas zapatista na “construção de outro mundo”.

Deste modo, o zapatismo exerceu poderosa influência no âmbito da comunicação alternativa no México, que não se limitou ao trabalho informativo, mas que estendeu-se nos princípios políticos e organizativos que permeiam os novos movimentos globais de protesto, situando as práticas tecnológicas comunicacionais e os meios de comunicação no centro da construção dos movimentos sociais de resistência no século XXI (Bastida, 2015).

Internet: o uso intensivo e bem-sucedido da internet não foi propriamente fruto do protagonismo zapatista, mas antes de grupos de simpatizantes, originalmente dos Estados Unidos e posteriormente de várias partes do mundo. Em menos de três meses da insurreição em 1994 (ou seja, ainda nos primórdios do uso doméstico da internet), foi colocado na rede uma página com a tradução para o inglês dos comunicados zapatistas e informes do conflito em Chiapas, e somente em 2005 essa página converteu-se efetivamente sob o controle da organização zapatista. Atualmente a página de internet *Enlace Zapatista* procura manter acervo com toda a história documental do movimento, bem como a página *Palabra Zapatista*. Cabe destacar que após 1995 diversos ativistas pró-zapatistas acordaram a criação de uma rede intercontinental de comunicação alternativa, pensando no uso das redes eletrônicas existentes como veículo de vínculo internacional. Bastida (2015), nos fala da rede atuando como uma multidão,

Un enjambre, swarm en inglés, que impulsaría las primeras acciones de desobediencia electrónica o de guerra en internet, de la mano de colectivos de hacktivistas como EDT o Critical Art Ensemble, impulsados por activistas-



artistas como Stephen Wray o Ricardo Domínguez. Ellos impulsaron acciones como ataques DDoS, de denegación de acceso, usando programas como FloodNet en 1998 para protestar por la matanza de Acteal, que les permitió tumbar varias páginas oficiales mexicanas, lo que les granjeó la acusación del Pentágono norteamericano de practicar ciberterrorismo, lo que Arquilla y Ronfeldt llamaban netwar. De alguna forma, los ataques cibernéticos DDoS, que tan famosos se han hecho con la irrupción de fenómenos en la red como Anonymous en 2006, o con el caso Wikileaks en 2010, tuvieron su primera aparición entonces de la mano del zapatismo.

Assim, o movimento zapatista impulsionou eficazmente sua luta utilizando diversas formas de comunicação, através da busca de interação com a sociedade (os diversos encontros das comunidades zapatistas com os povos do mundo são um dos tantos exemplos possíveis), não vendo-a como ente passivo, mas como sujeito receptor e ativo, que ao tempo em que respondia às iniciativas e demandas zapatistas também propunha e intervinha, apropriava-se e transformava o próprio movimento, num processo tendencialmente horizontal.

O consumo da mercadoria zapatista

Diante do exposto, verifica-se que o movimento zapatista – em, até aqui, 22 anos de existência – questionou o cânone do presente contínuo e do fim da história, trazendo para o centro de seu conflito a comunicação, através do manejo diversificado de dois elementos fundamentais nas definições de sociedade do espetáculo e sociedade do conhecimento e em rede: a linguagem publicitária e a digital. Octávio Paz (1994, p. 56) asseverou que os zapatistas, “desde su primera aparición pública el primero de enero, revelaron un notable dominio de un arte que los medios de comunicación modernos han llevado a una peligrosa perfección: la publicidad”.

Por um lado, podemos identificar aspectos relevantes do que denominamos – dentro do Grupo de Trabalho ACySE do Conselho Latino Americano de Ciências Sociais – como formas antissistêmicas e sociabilidades contra-hegemônicas, desvelando um horizonte mais plural e complexo de relações sociais, mas, por outro lado, convém não esquecer os elementos contraditórios existentes na sociedade de classes, como a divisão entre trabalho intelectual e manual, que fazem com que essas



inovações zapatistas também passem a compor a reprodução do próprio sistema (DEBORD, 1997). Deste modo, trava-se em momentos concretos uma evidente disputa entre os aspectos mais libertários e autônomos desenvolvidos pelos zapatistas e a institucionalização e normatização de suas práticas e ideais, buscando extirpá-las de sua radicalidade crítica e convertê-las numa mercadoria a mais na prateleira de opções de consumo do mesmo (inclusive no mercado das ideias). Existe, assim, uma semelhança entre as características da produção dos bens materiais e as características da produção cultural, pois com o desenvolvimento do capitalismo dissemina-se sua lógica de produção industrial de mercadorias às outras dimensões da vida social (ADORNO e HORKHEIMER, 1985). Neste sentido, seria possível aos zapatistas travarem uma efetiva luta contra os aspectos mercantilizantes da vida ao apoiarem-se exatamente nas formas políticas de linguagem publicitárias e digitais do espetáculo?

A comoção ocasionada na sociedade mexicana pelo levante indígena foi aproveitada não apenas pelos insurgentes para legitimar os motivos de sua luta, mas também pelo mercado. Nos primeiros meses do conflito, comerciantes lançaram uma marca de preservativos com o nome de “Alzados” (fazendo um jogo de palavras com o levante armado). E seguiu-se por diversos momentos tal situação, com mercadorias vendidas sob a imagem pública – e sem autorização – dos zapatistas. Como nos relata Bastida (2015) em um desses casos, uma consultoria de imagem

(...) publicó anuncios en prensa escrita en la que se usaba una foto del subcomandante Marcos, encapuchado, con su teléfono móvil, armado con sus cananas y su fusil de asalto, y en el que encontramos la siguiente pregunta: “¿Por qué tiene tanto poder?” Las respuestas posibles son: “a) Por sus pistolas, b) por su computadora, c) por su imagen pública”. La solución, evidentemente, es la última, porque esta empresa considera que Marcos había comprendido la esencia del marketing: “Respetar la esencia, manejar símbolos, provocar emociones y satisfacer las necesidades de la audiencia, son elementos en los que radica el poder de la imagen pública: saber ejercerlo requiere de estudios serios”. Y todo ello para ofertar una Maestría en Ingeniería de Imagen Pública “a quienes deseen aprender cómo crear o modificar la percepción hacia una persona o institución”. Marcos se había convertido en un ejemplo de comunicación pública (...).



Noutra situação, especula-se que a marca Benetton, por intermédio do fotógrafo Oliviero Toscani, teria proposto aos zapatistas converterem-se em protagonistas de uma de suas ousadas campanhas comerciais. Tal proposta não foi respondida pelos insurgentes, mas, ainda assim, serviu como elemento para uma ficção de Edgardo Bermejo (1996) tendo por protagonista o Subcomandante Marcos, em que o personagem Toscani afirmava que,

Muy simple, hoy día la publicidad no necesariamente vende las virtudes de un producto. Es, más bien, una cuestión de imagen. Lo que te venden es una idea y si te gusta la idea, compras el producto. Ésa es la teoría. Cuando la propaganda de una compañía se centra en los beneficios de su producto, uno puede verificarlo, pero cuando te venden una imagen o una idea, es más difícil comprobar que lo que te dicen es cierto (Bermejo, 1996, p. 41 apud Bastiani, 2015).

A imagem do Subcomandante Marcos e dos zapatistas ainda foi utilizada pela companhia cinematográfica FOX, na promoção do filme *X-Men: dias de um futuro esquecido*, em que se cria uma linha do tempo dos acontecimentos mundiais a partir da perspectiva ficcional. Em uma página de internet e em trailers promocionais do filme aparecem imagens reais dos comandantes zapatistas nas negociações de paz na Catedral de San Cristóbal de La Casas, capital de Chiapas, e em outro momento uma foto de Marcos, porém com olhos amarelos e um X em seu ombro, relaciona-o com o universo mutante. A ideia, ampliada na página da internet, era a de sugerir que haveria uma aliança entre os mutantes e os zapatistas, ou mesmo que Marcos fosse mutante.

Alianza zapatista con los partidarios de los mutantes. La milicia de resistencia zapatista apoya la ayuda a soldados mutantes. La resistencia zapatista, ayudada por combatientes de la libertad mutante, se involucra en un conflicto armado contra el gobierno mexicano en el sur de México⁵.

Outros relatos – de menor relevância global, mas tão ou mais surpreendentes – ocorreram no México, de todo modo, o importante a salientar é a tentativa de pasteurização do ícone zapatista e, ao mesmo tempo, e contraditoriamente, o quanto o movimento transformou-se num símbolo significativo da cultura popular global, concorrendo com, por exemplo, a imagem de Che Guevara e de Emiliano Zapata.

⁵ Disponível em: <<http://www.25moments.com/intl/es/#!/moments/1994>>.



Potencialidades de alargamento democrático

É certo que a cultura, a arte e a comunicação (inclusive dissidente e antissistêmica), têm servido atualmente mais como válvula de escape às contradições sociais e forte mecanismo de gestão de misérias e conflitos. No entanto, não deveríamos, apesar disso, minimizar a potencialidade inerente a tais dimensões, pois, “A eventual retomada do projeto de superação da arte, sem dúvida, depende de um questionamento do papel desempenhado pela cultura no contexto do capitalismo contemporâneo (...)” (COELHO, 2014b, p. 85). Tal questionamento estaria sendo realizado com quais formas e conteúdos pelos zapatistas? Estaria alicerçado numa perspectiva de totalidade, buscando a superação da divisão do trabalho (inclusive artístico), da quebra de hierarquias e do desenvolvimento de autonomias capazes de aproximar tais experiências a formas de construção experimentais da vida cotidiana?

Debord (1997), ao definir o espetáculo como o capital a um tal grau de acumulação que se torna imagem, compreende o papel da comunicação em tal sociedade também atrelado à separação dos trabalhadores de seu produto, pela forma em que são produzidos, bem como da comunicação direta entre os produtores. Conseqüentemente, a acumulação de produtos por parte da sociedade envolve, também, a concentração em uma concepção unificada do mundo e da comunicação, transformadas em domínio exclusivo deste segmento da sociedade, isto é, da parcela que dirige o sistema. Neste sentido, seria possível compreender as amplas ações comunicativas zapatistas como formas alternativas e emergentes, opostas à política e à cultura hegemônica? Ainda que num sistema no qual a alienação abarca não apenas o âmbito material, mas também simbólico, subjetivo e comunicacional?

Os movimentos sociais devem ser compreendidos não apenas pelas bandeiras reivindicativas que empunham, mas também pela realidade que criticam e pelo devir que apresentam, isto é, pelos discursos e práticas de transformação social, cultural, política e econômica que defendem. As possíveis alternativas que apresentam dão-se,



também, em variadas dimensões que envolvem desde a disputa por ideias até a construção prática e concreta de elementos de outros modos de vida.

A comunicação, a cultura e a arte (campos geralmente entrelaçados) constituem-se como extremamente relevantes no sentido de auxiliar no processo de liberação de forças coletivas e potencialidades emancipadoras. Como elementos constituintes de estratégia política, estes três campos entrelaçados atuam de modo dialético, movendo-se na inter-relação entre parte e todo, ou seja, abrangem impactos externos e internos aos movimentos sociais, auxiliando na pretendida crítica aos aspectos da sociedade que combatem, bem como esses mesmos elementos culturais e comunicacionais podem servir para a crítica à limites dos próprios movimentos. Talvez por isso, ainda parecem ser poucos os movimentos que valem-se de forma estratégica da comunicação, da arte e da cultura enquanto potências liberadoras, focando geralmente no âmbito mais restrito e instrumental da agitação e propaganda.

De todo modo, destacam-se as formas de mobilização social e ação coletiva que emergem numa perspectiva organizativa horizontal e de baixo para cima, valendo-se, ainda, das novas tecnologias de mídias digitais, criando espaços participativos e não institucionalizados (ou ao menos não alinhados com os poderes instituídos). De acordo com Thomas Tufte (2013, p. 65), esses “(...) movimentos sociais utilizam tecnologias e Meios de Comunicação como uma prática incorporada aos espaços que eles criam fora dos sistemas formais de governo e organização social - espaços que reclamam e ocupam”, e, ainda na visão deste autor, este fato estaria gerando certo distanciamento com as teorias em Comunicação e Desenvolvimento, por estas não estarem habituadas a formas mais horizontais e autônomas, percebendo a participação mais como processo social intimamente ligado a programas e ciclos de projetos institucionais. Neste sentido, a existência e emergência de movimentos sociais com demandas e práticas de caráter horizontais e autônomas, pode se apresentar como um desafio às estruturas de poder do Estado, governo e sociedade.

Deste modo, um dos elementos a ser problematizado refere-se às características políticas das ações comunicativas do movimento dos indígenas



zapatistas, se mais próximas às demandas baseadas em questões de identidade e cultura (como conceitualizado por autores como TOURRAINE, 1981; MELUCCI, 1985), sem referências centrais às questões materiais e econômicas, ou se bem os insurgentes chiapanecos articulam essas dimensões às questões econômicas e materiais, ao lutarem, por exemplo, por direitos sociais, dignidade e autonomia. Outro aspecto importante vem a ser as formas de articulação e dinâmicas sociais e políticas do zapatismo à partir do desenvolvimento e avanço das tecnologias de telefonia móvel, da internet e redes sociais. As *práxis comunicativa* zapatista apresenta novas relações entre cidadãos, mídia, governantes e ativistas, entre espaços conectados e não-conectados. À partir das formas de comunicação política, e do conflito travado na implementação de autogestão, os zapatistas estabelecem novas dinâmicas e relações de poder entre governo e sociedade, ampliando o cânone democrático.

No campo da teoria dos movimentos sociais e da democratização, alguns autores (ALVAREZ, DAGNINO e ESCOBAR, 1997; AVRITZER, 1996) mostraram que as teorias da transição democrática, ao privilegiarem um conceito de democracia centrado unicamente na vigência de “instituições” (como eleições livres, direitos civis garantidos, normalidade da atividade parlamentar etc.), confinaram o estudo da democratização à esfera institucional, ignorando “o hiato entre a existência formal de instituições e a incorporação da democracia às práticas cotidianas dos agentes políticos” (AVRITZER, 1996, p. 136), mas, como afirma Costa (1997), a contribuição dos movimentos sociais para a democratização não será à mesma que cabe a outros atores políticos, como sindicatos ou partidos, pois os movimentos sociais possuem perfis organizativos e reivindicativos próprios, com inserções distintas na tessitura da sociedade (por vezes em esferas sociais consideradas pela perspectiva institucional como pré-políticas), articulando-se formas específicas com a institucionalidade. Portanto, não é apenas na esfera das instituições políticas oficiais que podemos perceber as contribuições dos movimentos sociais aos processos democratizantes, ao contrário, a capacidade de tais movimentos em alargar o campo



democrático e impulsionar práticas e culturas democráticas muitas vezes encontra-se fora do restrito ponto de vista institucional.

As práticas zapatistas não podem estar deslocadas das transformações estruturais geradas pelo capitalismo em sua fase atual e, sobretudo, transnacional. Logo, a compreensão dos possíveis avanços do movimento zapatista em relação aos conflitos sociais das décadas passadas devem incorporar a dinâmica das condições sociais contemporâneas. Dessa maneira, nos é possível compreender categorias sociais que, em perspectiva histórica, obtiveram (e continuam a ter) escassa atenção de teorias e organizações do pensamento antissistêmico (como partidos, sindicatos e outros movimentos sociais, mais habituados a uma forma comunicativa verticalizada).

Nossa hipótese é que existem particularidades no movimento zapatista, e em sua ampliada forma comunicativa (que envolve de modo vasto as artes), que são capazes de fornecer elementos seja para uma reformulação de ação prática, seja para repensar e redimensionar conceitos. A complexidade (e contradições) do movimento zapatista, o faz combinar distintas racionalidades (como a ocidental e de povos indígenas) e se configurar como movimento “reativo” e “pró-ativo” ao mesmo tempo, pois lutam tanto pela restituição de direitos históricos, como por novos direitos, que exigem, por sua vez, mudanças radicais na atual conformação social do próprio modelo societal democrático.

Referências

- ADORNO; HORKHEIMER (1985). **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar.
- ALVAREZ, S.; DAGNINO, E. e ESCOBAR, A. (Orgs.) (1997). **The cultural and the political in Latin American social movements**. Boulder, Westview Press.
- ANAYA, Bernardo (2013). **Rebel Soundtrack: The Zapatista Music**.
- AVRITZER, L. (1996), Cultura política, atores sociais e democratização: uma crítica às teorias da transição para a democracia. In.: L. Avritzer, **A moralidade da democracia**. São Paulo/Belo Horizonte: Perspectiva/UFMG.
- BASTIDA, Manuel Laurio (2015). **Los armados de la palabra. Análisis Comunicativo de la Autonomía Zapatista**. Tese defendida na Universidad de Murcia, Departamento de Lengua Española e Lingüística General.
- BERMEJO, Edgardo (1996). **Marcos's fashion**. México D.F.: Océano.



BRANCALEONE; CHAGUACEDA (Org.) (2012). **Sociabilidades Emergentes y Movilizaciones Sociales en América Latina**. Buenos Aires, CLACSO;

CAMARA (et. al.) (Org.) (2015). **Prefigurar lo político. Disputas Contrahegemónicas en América Latina**. Buenos Aires: El Colectivo, CLACSO, 2015.

CANDIDO, Antonio (2007). Cadernos de Estudos ENFF nº 2. **Literatura e formação da consciência**, p. 49– 68. Escola Nacional Florestan Fernandes, Guararema.

CASTAÑEDA, Jorge (1994). **A utopia desarmada**. São Paulo: Companhia das Letras.

CASTELLS, M. (1998). **La era de la información. Economía, Sociedad y Cultura** (3 vol.). Madrid: Alianza Editorial.

COELHO, Cláudio (2014). **Teoria Crítica e Sociedade do Espetáculo**. Jundiaí: In House.

_____ (2014b). Cultura, arte e comunicação em Guy Debord e Cildo Meireles. **Revista Líbero**, v. 17, n. 33, p. 75-86, jan./jun. 2014.

CORKOVIC, Laura (2012). **La cultura indígena en la fotografía mexicana de los 90**. Salamanca: Universidad de Salamanca.

COSTA, Sérgio (1997). Movimentos sociais, democratização e a construção de esferas públicas locais. **Revista brasileira de Ciências Sociais** vol. 12 n. 35. São Paulo, fev. 1997. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69091997000300008>>

DEBORD, Guy (1997). **A sociedade do espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto.

_____ (2013). Teses sobre a revolução cultural. In: JACQUES (Org.). **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy (2003). **A guerra é o espetáculo: origens e transformações da estratégia do EZLN**. Dissertação (Mestrado), IFCH, Unicamp.

FUKUYAMA, Francis (1999). **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco.

MELUCCI, A (1985). The symbolic challenge of contemporary movements. **Social Research**. n.52, p.789-816, 1985.

MÉRIDA, W. G (2001). El submundo literario del subcomandante Marcos, 20 de mar. de 2001. **Rebelión**, Cultura. Disponível em: <http://www.rebelion.org/hemeroteca/cultura/literatura_sub200301.htm>.

ORTIZ, Pedro (et. al) (2007). **Zapatistas. A velocidade do sonho**. Brasília: Entrelivros: Theasaurus.

PAZ, Octavio (1994): Chiapas: hechos, dichos, gestos. México: **Vuelta**, n. 208, p. 55-57.

RIBEIRO, R.J. (1994). A política como espetáculo. In.: DAGNINO (Org.). **Anos 90. Política e sociedade no Brasil**. São Paulo: Brasiliense.

TOURRAINE, Alain (1981). **The voice and the eye: an analysis of social movement**. Cambridge: Cambridge University Press.

TUFTE, Thomas (2013). **O renascimento da Comunicação para a transformação social – Redefinindo a disciplina e a prática depois da 'Primavera Árabe'**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, INTERCOM. São Paulo: v. 36, n. 2, jul./dez. 2013, p.61-90.